

FAVELA, PERIFERIA E SUBÚRBIO, TERRITÓRIOS DA DIFERENÇA.

Paulo Roberto Tonani do Patrocínio (UFRJ)¹

Resumo: O trabalho apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de maior vulto que possui como principal foco a análise da construção da noção de diferença nos Estudos Culturais. Neste texto é realizada uma leitura teórica das categorias empregadas para a nomeação de territórios urbanos marginais – periferia, favela e subúrbio – a partir da noção de diferença, permitindo a identificação das diferenças destes territórios em relação ao centro e, igualmente, das muitas diferenças presentes nas próprias categorias. A adoção deste referencial teórico possibilita a elaboração de um plano de análise que se fixe na recusa de uma hierarquização enquanto modelo de leitura dos territórios da cidade e, principalmente, oferece à noção de diferença uma conceituação que a coloca enquanto recurso interdependente do conceito de identidade. No entanto, é necessário sempre recordarmos que enquanto construção discursiva, a diferença aponta para a ordem das essências, em uma dimensão irredutível e incontornável, mas tal essência é igualmente uma prática discursiva, uma construção que obedece a marcação de uma identidade.

Palavras-chave: Território; Identidade; Diferença

Conforme o título do trabalho evidencia, vou transitar por três conceitos: favela, periferia e subúrbio. Adentro esses conceitos a partir do uso da noção de diferença, que assume o lugar de um conceito estratégico para pensarmos a relação dinâmica que se produz entre estes e o centro. Claro que o gesto que realizo aqui é uma apropriação conceitual a partir do uso de referenciais teóricos ordenadores do pensamento geográfico, social e filosófico. Ao propor uma aproximação entre favela, periferia e subúrbio, estou subvertendo a rigidez de categoriais que possuem uma historicidade própria e, principalmente, apontam para uma forma específica de leitura, uso e apropriação do espaço, transformando em território. A aproximação que proponho tem como principal argumento e ponto central de unidade o fato destes conceitos se oporem a uma noção de centro. No entanto, se posso identificar ao menos um traço comum entre favela, periferia e subúrbio, é necessário afirmar que posso listar uma série de elementos de divergência entre estes. Em busca de uma possível categoria que possa delimitar o traço comum a estes conceitos, proponho o uso da categoria territórios marginais para evidenciar o elemento de unidade entre favela, periferia e subúrbio.

A motivação para tal exercício crítico surge em decorrência da leitura crítica de uma série de produtos discursivos contemporâneos, principalmente obras literárias e

¹Doutor em Letras pela PUC-Rio e Professor Adjunto da Faculdade de Letras da UFRJ Contato: paulotonani@gmail.com.



poético-musiciais, assinadas por sujeitos oriundos destes territórios marginais. Há um visível empenho em construir uma representação de traços e marcas do cotidiano de favelas, periferias e subúrbios que assumem o lugar de produção de uma identidade baseada na diferença. Estou me referindo de modo mais específico aos autores que se reúnem sob a égide de Literatura Marginal, que promovem a construção de uma espécie de movimento literário de base comunitária, e o movimento Hip-Hop, que oferece um novo modelo de representação da situação social dos sujeitos da margem, principalmente ao acionarem uma leitura centrada na questão racial.

Desejo trilhar um percurso de leitura da Literatura Marginal que identifique nesta a criação de um discurso minoritário centrado na estruturação de ações que visam o estabelecimento de uma nova representação dos setores marginais. Nesta perspectiva, os autores marginais, empenhados em produzir um discurso próprio, estão determinados em consolidar uma proposta discursiva específica sobre a margem. É possível constatar o desejo destes autores em afirmar a diferença de territórios marginais periferia não apenas frente a outros setores da sociedade através do texto literário, mas, igualmente, a partir de um complexo empreendimento cultural que utiliza linguagem, música, arte, vestimentas, etc. À literatura são acrescentadas outras manifestações culturais e sociais que também objetivam a criação de uma imagem própria para a periferia baseada, principalmente, na diferença. Ou seja, o movimento/grife 1 da Sul, criado por Ferréz; a realização da Semana de Arte Moderna da Periferia, organizada por Sérgio Vaz e outros poetas da Cooperativa Cultural da Periferia, a Cooperifa; e a criação da Edições Toró, idealizada por Allan Santos da Rosa, são alguns dos muitos exemplos de articulação destes autores marginais no desejo de constituição de espaços próprios voltados exclusivamente para a reflexão sobre os setores marginalizados. Tais elementos ressoam como um mecanismo de intervenção social que almeja a criação de uma identidade própria em oposição aos grupos sociais pertencentes ao centro. A leitura produzida por Homi K. Bhabha, em *O local da cultura*, oferece novas luzes a esta questão:

Cada vez mais, o tema da diferença social emerge em momentos de crise social, e as questões de identidade que ele traz à tona são agonísticas; a identidade é reivindicada a partir de uma posição de marginalidade ou em uma tentativa de ganhar o centro: em ambos os sentidos, ex-cêntrica. (Idem, p. 247.)



No caso específico da Literatura Marginal, e das diferentes ações desencadeadas pelos autores pertencentes a este movimento, percebemos a reivindicação de uma cultura própria e cerceada aos territórios marginais. A noção que orienta tal perspectiva cultural se baseia em uma ideia de cultura essencialista e definidora dos sujeitos residentes em favelas e bairros periféricos, como destaca Érica Peçanha, em *Vozes marginais na literatura*: “A ideia essencialista de uma cultura da periferia, defendida pelos escritores estudados, e exclusiva dos moradores das periferias, pressupõe um mundo à parte” (Peçanha, 2009, p. 56).

Tal concepção de cultura, mesmo que equivocada e ultrapassada, recebe uma conotação política agonística ao propor uma hierarquização entre culturas, almejando o estabelecimento de uma rígida separação entre a cultura marginal – leia-se também “de rua” – e a cultura do centro – leia-se também “burguesa”. Os signos criados para conformar essa identidade cultural periférica agonística intencionam realçar a diferença social destes setores marginalizados. Favela, periferia e subúrbio surgem como territórios exteriores à urbe, não dialógicos e antagônicos ao centro. Tal rigidez do discurso busca fundamentar um movimento de oposição à configuração social estabelecida por meio de reunião de posturas e falas que buscam romper com a conciliação. Sob este prisma, torna-se rentável a utilização da leitura realizada por Wander Melo Miranda, no ensaio *Nações literárias*, acerca da emergência de contranarrativas marginais ou de minorias, como no caso da Literatura Marginal, no espaço discursivo totalizador da nação:

A diferença cultural intervém para transformar o cenário da articulação, reorientando o conhecimento através da perspectiva significativa do “outro” que resiste à totalização. Isso porque o ato de identificação não é nunca puro ou holístico, como esclarece Bhabha, mas sempre constituído por um processo de substituição, deslocamento e projeção. Daí a importância delegada às contranarrativas marginais ou de minorias, na medida em que, ao evocarem a margem ambivalente do espaço-nação, intervêm nas justificativas de progresso, homogeneidade e organização cultural próprias à modernidade. Modernidade esta que racionaliza as tendências autoritárias e normativas no interior das culturas, em nome do interesse nacional e das prerrogativas étnicas. (Miranda, 2010, p. 21.)

A abertura discursiva proporcionada pela *performance* marginal interrompe a linearidade totalizadora da nação. Busca-se uma nova forma de representação do povo, não mais uma fala autorizada e concedida, mas sim baseada em uma proposta minoritária



e oriunda da própria margem, provocando um interstício na fala pedagógica e unificadora do discurso nacional.

Identificado o movimento e desejo de afirmação de uma identidade a partir da afirmação da diferença dos territórios marginais frente ao centro, torna-se necessário explorar com mais atenção a movimento interdependente dos conceitos identidade e diferença. O primeiro passo neste percurso seria visitar o pensamento de Jacques Derrida e, principalmente, o neografismo *différance*. No entanto, é importante explicitar que ao propor como passo inicial a referência a Derrida, não se está colocando em detrimento o conceito de diferença cunhado por Gilles Deleuze. Há um componente não-dialético que orienta tanto o conceito deleuziano quanto o instrumento derridiano.

Différance: a discreta intervenção gráfica para a construção do termo, perpetrada pela simples troca da letra *e* pelo *a*, ressoa como uma espécie de marca muda, que pode ser lida, escrita, mas não se ouve. Importante observar que *différance* não é apenas uma palavra ou um conceito, trata-se de um instrumento filosófico que ataca de modo frontal um dos principais sintomas da tradição filosófica ocidental: o fonocentrismo. A apresentação elaborada por Derrida nos permite observar a questão de forma mais objetiva:

Sem dúvida este silêncio piramidal da diferença gráfica entre o *e* e o *a* só pode funcionar no interior do sistema de escrita fonética e no interior de uma língua ou de uma gramática historicamente associada à escrita fonética bem como a toda a cultura de que é inseparável. (Derrida, 1991, p. 35-6)

A homofonia produzida pela substituição do elemento *e* de *différence* pelo *a*, constituindo o neologismo *différance*, produz um instrumento de diferenciação duplo, ataca a centralidade da fonética e propõe uma nova ênfase à escrita. A silenciosa subversão do termo diferença em francês – conceito tão caro aos chamados *filósofos da diferença*, como Nietzsche e Heidegger – produz uma diferença que resulta em uma nova expressão, ou instrumento, que se fixa no jogo entre as formas gráfica e sonora. A deformação perpetrada pela substituição de uma única vogal, que promove uma alteração visual, mas não fonética, objetiva demarcar a diferença entre escrita e fala.

A criação do neografismo pode ser tomado como um “emblema da desconstrução” e foi fonte segura para as mais variadas apropriações, gerando um considerável debate acerca de seu uso e, principalmente, acerca da essência de seu real significado na



perspectiva adotada por Derrida. No entanto, seguindo o próprio escopo construído por Derrida e visitado por Silviano Santiago em *Glossário de Derrida*, é possível observar que *différance* “não é um conceito, nem uma palavra, mas sim uma espécie de foco de cruzamento histórico e sistemático reunindo em feixe diferentes linhas de significado ou de forças, podendo sempre aliciar outras, constituindo uma rede cuja tessitura será impossível interromper ou nela traçar uma margem” (Santiago, 1976, p. 27-8), conforme examinou Silviano Santiago, em *Glossário de Derrida*, evidenciando o caráter não-dialético em sua leitura. Em outras palavras, o termo construído por Derrida apresenta em sua própria estrutura, elaborada na busca pela impossibilidade de semelhança entre o fonético e o gráfico, o desejo de um movimento que produza uma transformação/deformação original, “de uma presença ausente que só está em vestígio e que revela que todo o texto é uma estrutura de referências infinitas, uma *mise en scène* em que [nas palavras de Derrida] ‘há apenas, por toda parte, diferenças e vestígios de vestígios’ (Pierucci, Op. cit, p. 146). Para além da própria composição do termo e sua consequente deformação e diferença entre a palavra escrita e a inaudível, Derrida apresenta a noção de diferença em oposição ao constante modelo interpretativo que a pensava como resultante e derivada de uma presença prévia. A diferença só poderia emergir por meio de uma alteridade/outridade, seja em um campo de exame concreto ou abstrato, entre coisas, entes ou conceitos. Em Derrida, localizamos um traço que performatiza e estabelece de modo fixo um espaço de incoerência incontornável, uma ambivalência, entre o caráter diferencial da linguagem e a sua unidade central, o signo. Antônio Flavio Pierucci define de forma objetiva o resultado do gesto perpetrado pela diferenciação entre linguagem e signo a partir da substituição de uma vogal: “Podemos dizer, então, que o *a* de *différance* funciona como um ato de diferenciação que produz diferenças. Uma diferença que faz diferença(s).” (Idem, Ibidem).

Visitar o conceito de diferença, seja na perspectiva trilhada por Derrida ou trabalhada por Deleuze, é visitar um modelo interpretativo que não se fixa na conformação da leitura dialógica e dialética. A diferença, nesta perspectiva, passa a ser lida e compreendida enquanto valor intrínseco e autônomo. Além disso, torna-se necessário opor a noção de diferença ao conceito de desigualdade e, principalmente, redefinir a ideia de igualdade. A partir das contribuições de José D’Assunção Barros, em *Igualdade de diferença: construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade*



humana, torna-se possível examinar com especial atenção as estruturas políticas que fundamentam os discursos da diferença, opondo tal noção ao conceito de desigualdade. Seguindo os passos do autor, podemos afirmar que “quando se considera o par ‘igualdade x diferença’ (ou ‘igual’ x ‘diferente’), tem-se em vista algo da ordem das essências: uma coisa ou é igual à outra, pelo menos em um determinado aspecto, ou então dela se difere” (Barros, 2016, p. 9). Aqui a ideia de essência é também uma construção, uma determinada invenção, que dependendo do ponto de vista, no ato de cotejo com o outro, aponta para uma igualdade ou para a diferença. Mas, se a oposição entre igualdade e diferença é regida sob a noção de essência, por seu turno,

o contraste entre *igualdade* e *desigualdade* refere-se quase sempre não a um aspecto “essencial”, mas sim a uma “circunstância” associada a uma forma de tratamento, mesmo que esta circunstância se eternize no interior de determinados sistemas políticos ou situais sociais específicas. (Idem, p. 10. Grifos do autor)

Dessa forma, podemos acionar a noção de desigualdade para nomear as condições de habitação ou a oferta de infraestrutura urbana em bairros de periferia em comparação ao centro, mas acionamos o conceito de diferença para construirmos uma abordagem das produções culturais e discursivas oriundas destes mesmos territórios marginais. A desigualdade surge como nomeação de toda e qualquer circunstância em que o princípio de “igualdade” possa ser acionado como resultado de um processo reivindicatório. O mesmo princípio não pode ser aplicado à ideia de diferença, afinal o desejo de “igualdade” acaba por silenciar e apagar os elementos discursivos que são acionados para a construção de uma identidade que se estabelece pela diferença. Contudo, é necessário sempre recordar que “tanto as desigualdades como as diferenças são históricas, sociais, culturais, mesmo quando, no caso das diferenças, revestem-se de certa aparência natural no seu núcleo de formação.” (IDEM: p. 73-4).

Para construir o discurso da diferença a contrapelo do princípio homogeneizador da igualdade, se faz necessário reestruturar um novo campo semântico e uma nova compreensão do que nomeamos como sujeito, tornando o debate uma arena política de intervenção, de produção de novas subjetividades e de ressignificação de conceitos. A emergência dos discursos da diferença passa, nesta perspectiva, a ser o principal elemento de constituição de uma política de identidade agonística e emancipatória. A insistência no uso do conceito de diferença não significa apenas a adoção de um conceito mais



contemporâneo e afeito às modas dos discursos disciplinares. A diferença, principalmente enquanto categoria política, deve ser construída de forma discursiva com o claro intuito de demarcar as contingências destes sujeitos da diferença. É necessário retomar a leitura de José D'Assunção Barros, no já citado *Igualdade e diferença: construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana*, para compreendermos que, ainda que aponte para uma ordem das essências, a diferença será sempre uma construção discursiva e uma produção social.

Representação e diferença devem ser lidos como os conceitos basilares da chamada política de identidade, pauta que se faz presente na agenda política do cenário pós-moderno. O volume *Identidade e diferença, a perspectiva dos Estudos Culturais*, organizado por Tomaz Tadeu da Silva, expõe de modo claro as questões teóricas que norteiam o campo contemporâneo que se ocupa da questão das identidades culturais. No espaço circunscrito da reflexão que proponho realizar neste ensaio, interessa-me a forma como Tomaz Tadeu da Silva, no artigo “A produção social da identidade e da diferença”, experimenta a adoção do conceito de diferença enquanto reflexo direto da política de identidade. Amparado em uma abordagem da sociolinguística, o autor aciona as contribuições de Ferdinand de Saussure para examinar as clivagens existentes no duplo: identidade e diferença. Nesta perspectiva, além de serem elementos congêneres e interdependentes – afinal o processo de construção identitária demarca como princípio a instauração de uma diferenciação – a produção da identidade e da diferença obedece a uma criação linguística. Tal premissa é fruto da inspiração pós-estruturalista que guia o olhar do autor e permite observar a dinâmica cultural contemporânea em uma perspectiva crítica, concebendo os dois conceitos enquanto construções discursivas fixadas em um plano sociocultural de base histórica.

No entanto, mesmo que a noção essencialista da identidade seja colocada em xeque, é necessário termos a compreensão de que os discursos sobre a diferença – seja ela de ordem cultural, de gênero, de raça, de sexualidade, ou quaisquer outras formas de se diferenciar a partir do estabelecimento de uma identidade – apontam para um regime segundo o qual uma essência que não pode ser rasurada, apagada ou normatizada. Nesta chave, as diferenças são produzidas a partir de aparatos identitários enquanto essências, concebidos enquanto dados da natureza. Tal premissa não apaga a percepção da diferença enquanto ato discursivo, mas transfere o debate para uma nova arena, agora política.

Nesta perspectiva, é rentável visitar a conhecida máxima criada pelo sociólogo português Boaventura de Souza Santos quando examina a relação entre igualdade e diferença:

Temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades. (Santos, 2003. p. 56).

A passagem possui o contorno de um aforismo, tamanha a precisão ao evidenciar o intrincado percurso ao lidarmos com os conceitos de igualdade e diferença, demarcando a impossibilidade de um consenso como resultado. É necessário agora fazer uma pausa e recordarmos que os discursos da diferença analisados até aqui foram formulados a partir da construção de uma marca essencialista que se confronta com outras diferenças. Nesta perspectiva, conforme observado a partir da contribuição da teoria da linguagem em Saussure, a construção desses discursos necessita da pré-existência de outros discursos para demarcar sua identidade e, por conseguinte, sua diferença.

Na economia deste trabalho, objetivou-se trilhar as muitas nuances do conceito de diferença. A noção de diferença ocupa hoje um espaço ímpar dentro da teoria crítica contemporânea, pautando não apenas as muitas reflexões teóricas que a ideia oferece, mas, principalmente, influenciando o campo político por meio da produção de novas subjetividades que se fixam na recusa da homogeneidade para instaurar o princípio da diferença.

Referências bibliográficas

- BARROS, José D'Assunção. *Igualdade e diferença: construções históricas e imaginárias em torno da desigualdade humana*. Petropolis: Editora Vozes, 2016.
- BHABHA, Homi, *O local da cultura*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Tradução de Joaquim Torres Costa e Antonio M. Maragalhães. Campinas: Papyrus, 1991.
- EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- FERRÉZ. *Amanhecer esmeralda*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- _____. *Capão pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
- _____. *Cronista de um tempo ruim*. São Paulo: Editora Literatura Marginal/Selo Povo, 2009.
- _____. *Deus foi almoçar*. São Paulo: Editora Planeta, 2012.

_____. (Org.). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

GIROUX, Henry A. *Atos impuros. A prática política dos estudos culturais*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença; a política dos estudos culturais latino-americanos*. Trad. Eliana L. Lima e Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

NASCIMENTO, Evando. *Derrida e a literatura*. Notas de literatura e filosofia nos textos da desconstrução. São Paulo: É realizações, 2015. 3ª Edição.

OLINTO, Heidrun Krieger. Letras na página/palavras no mundo. Novos acentos sobre estudo da literatura. *Palavra* n. 1. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Letras, 1993.

PIERUCCI, Antônio Flavio. *Ciladas da diferença*. São Paulo: Editora 34, 1999.

PONTES Jr., Geraldo Ramos. Os estudos culturais e a crítica literária no Brasil. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n 44, p. 17-36, jul./dez., 2014.

QUEIROZ, Vera. *Crítica literária e estratégias de gênero*. Rio de Janeiro: EdUFF, 1997.

RAMOS, Aura Helena. *O lugar da diferença no currículo de educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2011.

ROSA, Allan Santos da. Chão. In: FERRÉZ (Org.). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Da Cabula*. São Paulo: Global Editora, 2007. (Coleção Literatura Periférica).

_____. Perola. In: FERRÉZ (Org.). *Literatura Marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

_____. *Vão*. São Paulo: Edições Toró, 2005.

_____. *Zagaia*. São Paulo: DCL, 2007.

_____ e GUMA. *Morada*. São Paulo: Edições Toró, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado no Departamento de Letras da PUC/RJ. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Reconhecer para libertar. Os caminhos do cosmopolitismo multicultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Coleção Reinventar a emancipação social para novos manifestos - Volume 3.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petropolis: Editora Vozes, 2014, 15ª Edição.

VAZ, Sérgio. *Colecionador de pedras*. 2ª edição. São Paulo: Global, 2007. (Coleção Literatura Periférica).

_____. *Cooperifa – antropofagia periférica*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008. (Coleção Tramas Urbanas).